



## O rumor da vida: sobre escrita, afetos e revolução

### *The Rumor of Life: About Writing, Affection and Revolution*

Regina Dalcastagnè<sup>1</sup>

Universidade de Brasília (UnB), Brasília / Brasil

rdal@unb.br

**Resumo:** O artigo se debruça sobre um conjunto de 27 cartas do intelectual português Augusto dos Santos Abranches enviadas ao escritor Salim Miguel entre 1952 e 1961. O que começa como uma troca de publicações e originais vai se tornando um diálogo sobre literatura, política e vida, que não eram, absolutamente, coisas separadas para esses homens. Abranches foi um ferrenho crítico do salazarismo, mudou-se de Portugal para Moçambique e depois para o Brasil, sempre com a PIDE em seus calcanhares. Generoso, ajudou a divulgar muitos outros escritores, especialmente os poetas da África lusófona, já em luta pela independência. Pretende-se, com a retomada das cartas, construir um perfil desse intelectual pouquíssimo lembrado pela historiografia literária, mas que colaborou com o movimento de resistência da época, fazendo literatura e difundindo a cultura.

**Palavras-chave:** cartas; relações Brasil-África; literatura e política; Salim Miguel; Augusto dos Santos Abranches.

**Abstract:** The article focuses on a set of 27 letters that the Portuguese scholar Augusto dos Santos Abranches sent to writer Salim Miguel between 1952 and 1961. What begins as an exchange of publications and originals, gradually becomes a dialogue about literature, politics, and life, which were, not at all, unrelated to both men. Abranches, who was a staunch critic of Salazarism, moved from Portugal to Mozambique and then to Brazil, always with PIDE behind his back. Generous as he was, he helped spreading the work of many other writers, especially poets from Lusophone Africa, who were already struggling for independence. We intend, with the resumption of the letters, to

---

<sup>1</sup> Professora titular de literatura brasileira da Universidade de Brasília, pesquisadora do CNPq e coordenadora do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea.

construct a profile of a scholar who was very little remembered by the literary historiography, but which collaborated with the resistance movement of his time, making literature and spreading culture.

**Keywords:** letters; Brazil-Africa relations; literature and politics; Salim Miguel; Augusto dos Santos Abranches.

*Eu vi vencedores nos olhos de muitos derrotados. Dignidade é tudo.*

Sérgio Vaz

Este texto se estabelece a partir de uma caixa de guardados, lembranças de vidas que entretecem literatura e política, mas também afetos e solidariedade. Retiro dela a correspondência que Eglê Malheiros e Salim Miguel mantiveram ao longo dos anos 1950 e 1960 com escritores e intelectuais de Portugal, Moçambique, Angola, Cabo Verde e Ilha de São Tomé. Na época eles editavam, a partir de Florianópolis, a revista *Sul*,<sup>2</sup> que acolheu diversos autores perseguidos pelo salazarismo e em luta pela libertação colonial, nomes que depois se tornariam conhecidos, como Luandino Vieira, Agostinho da Silva e António Jacinto, por exemplo. Salim Miguel chegou a publicar uma seleção dessas cartas, em livro intitulado *Cartas d'África e alguma poesia*,<sup>3</sup> de 2005, e depois elas voltaram para a caixa.

Não pretendo me deter sobre a importância desse material, e do impressionante diálogo estabelecido naquele momento entre mulheres e homens, alguns ainda muito jovens, que amavam a literatura e sonhavam

---

<sup>2</sup> A revista *Sul*, editada em Florianópolis pelo Círculo de Arte Moderna, depois conhecido como Grupo Sul, circulou entre janeiro de 1948 a dezembro de 1957, tendo publicado 30 números. Graças ao esforço de sua equipe, ela esteve presente em outros países da América Latina, na África lusófona e em alguns países da Europa, especialmente Portugal. Para informações sobre o Grupo Sul (cf. SABINO, 1981). Sobre a revista *Sul*, há uma interessante entrevista de Eglê Malheiros e Salim Miguel a Érica Antunesi e Simone Caputo Gomesi (2008).

<sup>3</sup> Todas as citações das cartas feitas neste texto são retiradas diretamente dos originais, que fazem parte do acervo pessoal de Eglê Malheiros, mas elas também podem ser encontradas no livro organizado por Salim Miguel (2005), basta procurar pelas datas.

com a revolução. A correspondência indica a intensa troca de textos e conversas sobre a escrita, mas também o envio sistemático e clandestino de obras proibidas para os países africanos. Só como exemplo, em uma das cartas, sem data e com um rabisco como assinatura (que Miguel afirmava ser do angolano António Jacinto), o remetente pede que lhe enviem um manual de economia política, e dá todas as instruções:

Caso consiga o livro, não pode mandá-lo como o recebeu. Terá de retirar a capa, a folha de rosto com o título, separar o miolo de cem em cem páginas, embrulhá-las em jornais ou revistas de variedades e despachar cada pacote em separado, porque somente assim poderemos ter a sorte de receber o livro (MIGUEL, 2005, p. 10).

A intenção aqui é focar em um conjunto específico de cartas, datilografadas em delicadas folhas azuis, quase todas longuíssimas para os padrões de hoje, algumas com rasuras, outras com complementos manuscritos, às vezes apressadamente. Colocando-as na ordem cronológica, a primeira delas está datada de 5 de maio de 1952, vinda de Nampula (em Moçambique), e a última é endereçada de São Paulo, com data de 28 de junho de 1961. São, portanto, quase 10 anos da vida de um homem – 10 anos escritos sem que nada tenha sido apagado, ou reescrito. A personagem que surge aí, envolta em deslocamentos pelo mundo, em paixões, fracassos e incontáveis projetos culturais, é Augusto dos Santos Abranches, que nasceu em Portugal, em 1913, viveu em Moçambique e faleceu no Brasil, em 1963. A proposta, então, é resgatar a história de uma amizade que nasceu dos livros e se fez abrigo em tempos difíceis. Mais do que uma reflexão sobre o passado, essa é uma tentativa de continuar acreditando nas possibilidades do presente.

Assim, para começar, é preciso dizer que Abranches foi poeta, dramaturgo, ficcionista, crítico, jornalista, artista plástico, livreiro e editor. Segundo Arnaldo Saraiva, foi de sua livraria em Coimbra, a Portugal – frequentada por Fernando Namora, Carlos de Oliveira, Políbio Gomes dos Santos, Virgílio Ferreira, dentre outros –, que saiu o movimento neorrealista português,<sup>4</sup> embora seu próprio nome não

---

<sup>4</sup> Em 2013, centenário de nascimento do autor, Arnaldo Saraiva publicou um caderno em sua homenagem, com o título de *Augusto dos Santos Abranches: escritor e agitador cultural em Portugal, Moçambique e no Brasil*, onde reúne uma apresentação de sua obra, uma cronologia, a lista de seus textos publicados, alguns fragmentos e poemas, além de depoimentos de escritores que o conheceram.

costume ser lembrado nas historiografias literárias.<sup>5</sup> Foi ele também quem editou o primeiro livro de Fernando Namora, além de inúmeras e efêmeras revistas culturais que divulgaram os novos nomes da literatura portuguesa e, mais tarde, moçambicana e angolana. Em meados dos anos 1940 ele se mudou de Coimbra para Lourenço Marques (atual Maputo), em Moçambique, e em 1955 se transferiu para São Paulo, sempre com a PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado – a polícia política salazarista) em seus calcanhares.

Seu perfil não é muito diferente do de Eglê Malheiros e Salim Miguel, que nos anos 1950, junto de outros jovens intelectuais, renovaram o cenário cultural de Santa Catarina, levando, enfim, o modernismo até lá – encenando Sartre pela primeira vez, realizando exposições de artes plásticas, filmando o primeiro longa-metragem do Estado, publicando livros e a revista *Sul*. Eglê Malheiros foi a primeira mulher formada em Direito em Santa Catarina, trabalhou como professora e era tradutora de diversas línguas, além de poeta. Militante do Partido Comunista, tinha forte atuação política. Salim Miguel (também um deslocado, que veio do Líbano para o Brasil aos três anos de idade) atuou especialmente como jornalista e como editor, publicou mais de 30 livros, entre romances, contos, crônicas e crítica literária. Juntos, foram editores (primeiro da revista *Sul*, depois, nos anos 1970, da revista *Ficção*),<sup>6</sup> livreiros, roteiristas de cinema, e fundamentalmente, pessoas que aglutinavam outras. Presos em abril de 1964 (ela em prisão domiciliar), os livros da antiga livraria de Salim, em Florianópolis, foram queimados em praça pública. Mudaram-se para o Rio de Janeiro em seguida – tentando passar mais despercebidos em uma cidade grande – e lá continuaram com sua atuação cultural e política.

Ao todo, são 27 cartas assinadas por Abranches, mais um singelo cartão de natal desenhado por ele próprio. Algumas trazem a logomarca

---

<sup>5</sup> Arnaldo Saravia (2013) fez um levantamento em dicionários, manuais e historiografias literárias portuguesas, moçambicanas e brasileiras, constatando que, quando muito, o nome do autor é apenas citado, sempre seguido de informações (como local e data de nascimento) equivocadas.

<sup>6</sup> A revista *Ficção* tinha em seu corpo editorial, além de Eglê Malheiros e Salim Miguel, Laura Sandroni, Cícero Sandroni e Fausto Cunha. Ela circulou entre janeiro de 1974 a setembro de 1979, tendo totalizado 46 números. Publicava, especialmente, contos e reuniu em suas páginas cerca de 500 escritores, alguns deles muito conhecidos hoje, mas iniciantes então. Para mais informações, cf. BASTOS, 2004.

da empresa onde o autor estava trabalhando no momento. Ele chega a brincar sobre o assunto: “Como hoje é feriado nacional dedicado a Camões e à Raça (?), vou aproveitar umas horas que julgo livres depois de ter trabalhado extraordinariamente, e para me vingar servir-me mesmo do papel da Empresa”.<sup>7</sup> Salim Miguel, na apresentação ao seu livro sobre a correspondência com os escritores africanos, afirma que algumas cartas podem ter se perdido em meio às várias mudanças que fez. Fora isso, também é possível que outras tenham sido extraviadas pelos correios ou mesmo desviadas pela polícia. São constantes as referências à correspondência e pacotes que não chegaram às mãos de Abranches, por exemplo. De início, ele envia duas cartas por mês, depois vão se tornando mais esparsas, sempre com pedidos de desculpas pela demora no retorno: “Aqui me tem outra vez a conversar consigo, desferrando-me assim do longo período de silêncio injustificavelmente por mim mantido. Injustificável mas não imperdoável, espero”.<sup>8</sup>

Já na primeira carta, de 5 de maio de 1952, resposta a um contato feito inicialmente por Salim Miguel,<sup>9</sup> que lhe enviara seu livro de estreia e exemplares da revista *Sul*, Abranches demonstra todo o seu contentamento com a possibilidade de diálogo, retribuindo com um conjunto de poemas inéditos de uma dúzia de escritores, entre homens e mulheres, portugueses, moçambicanos, angolanos e cabo-verdianos.<sup>10</sup> Essa é a marca principal da amizade que começava ali: são dois homens apaixonados pela escrita e generosos em relação aos que produziam à sua volta, muitas vezes limitados pela censura e pela perseguição política. Mais do que trocar seus próprios textos e comentá-los – o que também acontecia –, eles abriam espaço para que a literatura circulasse, para que a comunicação fosse expandida e que novos laços se efetivassem.

---

<sup>7</sup> A Empresa em que Abranches trabalhava, em 10 de junho de 1952, era a Construtora Sacristan, “especializada em cimento armado, construção de pontes, estradas, represas, canais, etc.”, como se anuncia no papel timbrado.

<sup>8</sup> Essa carta é de 2 de junho de 1954, a anterior está datada de 25 de maio de 1954.

<sup>9</sup> O contato de Augusto dos Santos Abranches foi passado a Salim Miguel pelo escritor Marques Rebelo, incentivador do diálogo entre os jovens do Grupo Sul e os autores da África lusófona.

<sup>10</sup> Os poetas são, na ordem citada pelo autor: Natércia Freire (de Portugal), Filinto de Menezes (de Cabo Verde), António Jacinto, Humberto da Silvan, A. Leston Martins, Mário António Fernandes de Oliveira (de Angola), Antero, Domingos de Azevedo, Bertina Lopes, Duarte Galvão e Noêmia da Sousa (de Moçambique). Vários desses autores foram efetivamente publicados nos números seguintes da revista *Sul*.

Parece incrível, hoje, pensar nesse intenso intercâmbio entre escritores que viviam, cá e lá, de algum modo isolados. Mas, afinal, eram tempos em que intelectuais gestavam revolução.

Se o intercâmbio de textos inéditos e de livros já publicados era frequente, aos poucos vão sendo incluídas outras conversas, sobre literatura, crítica, política, mas também a respeito de questões pessoais: falta de dinheiro, casamento, filhos, planos mirabolantes, doenças. Apresentando-se como alguém que dispensa “pancadinhas nas costas”, Abranches diz, logo no início (em carta de 10 de junho de 1952), ter percebido que Salim “patenteia claramente o mesmo ponto de vista” e, assim, explicita a posição de onde pretende ser visto:

Já esvaziei o meu saco de vaidades faz hoje não sei quantos anos, e raios me partam se voltar a enchê-lo. Prefiro antes uma camaradagem ampla e despreendida de preconceitos, construtiva e sincera, em que a crítica se exerça sem melindres de espécie alguma. Uma camaradagem em que cada um progrida e aprenda, dando tudo o que tiver e recebendo de igual modo. E em que essa ação se exerça não só entre todos, mas que venha desdobrar-se até perante o leitor ou espectador. De interesse e intensificação humana, portanto.

Estabelecido esse ponto de partida, o autor não perde tempo com digressões sobre sua própria personalidade, nem com retrospectos sobre a vida. Se é possível imaginar o homem que foi a partir de suas cartas, não é porque ele busque construir qualquer tipo de roteiro sobre si. Não há nelas a suposição da existência de um eu coerente e contínuo, ainda que construído como uma “ilusão biográfica”, nos termos de Pierre Bourdieu. A narrativa biográfica, dizia o sociólogo francês, inspira-se na preocupação

de encontrar a razão, de descobrir uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, de estabelecer relações inteligíveis, como a do efeito com a causa eficiente, entre estados sucessivos, constituídos como etapas de um desenvolvimento necessário (BOURDIEU, 1996, p. 75)

A ilusão, portanto, estaria justamente em acreditar que “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e

objetiva, de um projeto” (BOURDIEU, 1996, p. 74), e que esse todo pode ser compreendido sem que se considerem as inúmeras variáveis possíveis que contextualizam cada existência.

As cartas, muito pragmáticas, giram em torno do presente e dos planos futuros. Se, por um lado, Abranches parecia cansado das perseguições e embates políticos, das dificuldades financeiras e das picuinhas do meio literário, por outro, tinha sempre um novo projeto cultural em mãos, como que a lhe assegurar um espaço de resistência. (Estratégia facilmente reconhecível quando atravessamos momentos de ruptura democrática, como o que estamos enfrentando agora no Brasil). Alguns se sustentavam por anos, ou meses, outros morriam antes mesmo de começar. Em carta de 25 de maio de 1954, ele comenta estar vivendo um dos piores momentos de sua vida, sem entrar em detalhes. E, justamente aí, anuncia sua mudança de Nampula para Lourenço Marques, onde se juntaria a um amigo (o jornalista Domingos de Azevedo, com quem Salim Miguel também trocava correspondência) nos preparativos para uma grande viagem:

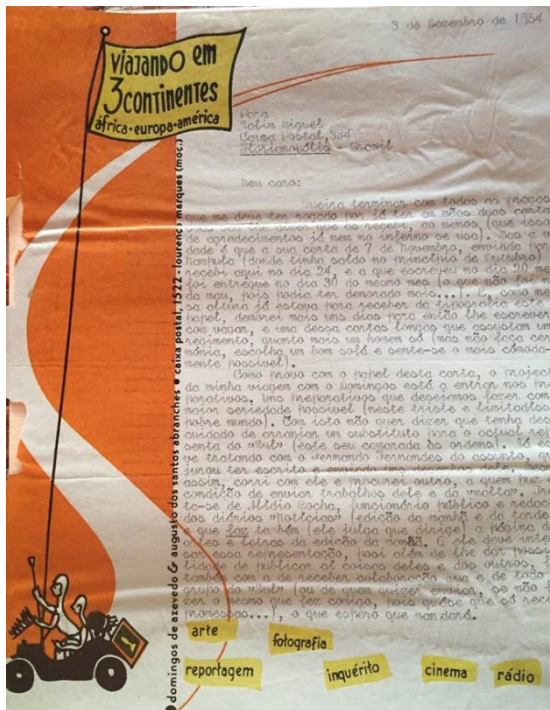
O projeto é correr toda a África, passar depois para a Europa, e ir em seguida correr a América, de modo a fixarmo-nos no Brasil. Vamos numa carrinha fargounette campestre (com camas, cozinha, etc.), e deveremos fazer reportagem de todas as formas e feitios: fotográfica, cinematográfica, radiofônica, jornalística, etc. Tudo, enfim, que possa interessar as massas humanas que gostam de ver, ouvir e ler.

Pelo caminho, e sempre que possível, deveremos fazer conferências e exposições, recolher elementos de estudo para livro, especialmente no que toca à fixação e permanência do homem em África. Conto que seja trabalho de vadiagem para um ano, só no que se refere à África. Para isso, vamos precisar de todo o auxílio possível e imaginável, especialmente quanto a encontrarmos jornais que nos paguem as reportagens. [...]

Com este projeto, que vamos levar em frente mesmo que fiquemos sujeitos a morrer de fome pelo caminho, tudo o resto passou para um plano secundário, ou está enfileirado de modo a facilitar-nos a realização do mesmo, embora não o realizemos ainda este ano. Por isso, vou procurar por em ordem toda a minha papelada e começar a tomar notas para o que me deve ser útil pelo caminho.

Em 3 de dezembro de 1954 a ideia ainda persiste, e ele diz que atrasou a resposta porque aguardava a tipografia com seu novo papel de carta, que vinha com a marca do projeto: um desenho seu com duas figuras em um carro e uma bandeira com as inscrições “Viajando em 3 continentes – África – Europa – América”.

Figura 1 – Carta de 3 de dezembro de 1954



Fonte: Acervo pessoal de Eglê Malheiros.

Dois meses depois, em 8 de fevereiro de 1955, tudo é interrompido, e Abranches avisa, sucintamente, em seu velho e discreto papel de carta azul: “Já não vou fazer a viagem com o Domingos (até desisti do papel, como vê); por motivo de força maior ele teve de abandonar o projeto, embora esteja profundamente interessado em ir parar no Brasil, possivelmente ainda este ano”.

Além do compartilhamento de planos, da ajuda na divulgação e venda da revista *Sul*, da apresentação de novos escritores, a



correspondência entre Augusto dos Santos Abranches e Salim Miguel também incluía a leitura de seus próprios textos, a troca de algumas angústias e importantes sugestões relativas ao processo criativo, como pode ser visto abaixo, em carta de 3 de dezembro de 1954:

Quanto ao problema do seu romance *Rede* (tive anunciado um livro de contos com este nome, vão passados mais de 12 anos!), julgo que se está deixando obcecar excessivamente pela necessidade de terminar o mesmo, o que o deve prejudicar. Por que (no caso de continuar “emperrando”) o não põe de lado por uns 6 meses e trabalha noutra coisa? Rasgar, inutilizar irremediavelmente, é que julgo asneira, pois que é um trabalho que nunca mais se recupera, por menos interesse que o mesmo tenha. De resto, nós temos sempre alturas em que temos ideias que não conseguimos aproveitar em condições, e outras em que não temos ideias, mas em que conseguimos trabalhar com eficiência as ideias que já tivemos. Não estará, meu velho, num desses períodos em que tem ideias sem possibilidades de as trabalhar? Se está, toca a juntar material para quando as ideias não surgem –, que ele juro há-de passar também por essa angústia! É questão de tempo.

O romance a que ele se referia foi publicado, efetivamente, em 1955, pelas Edições Sul, com uma bela xilogravura de Edgar Koetz na capa. Quase 60 anos depois, Salim falava que pretendia reescrever o livro, talvez achando que, enfim, poderia trabalhar com eficiência as ideias que teve. Mas não houve tempo para isso – ele faleceu em abril de 2016 sem ter iniciado o trabalho.

Em meio às cartas de Abranches, também vamos acompanhando um pouco da vida pessoal de Eglê Malheiros e Salim Miguel. No dia 25 de novembro de 1952, o amigo os felicita pelo casamento, diz que está lhes enviando um conjunto de esculturas em “pau preto” e lamenta, meses depois, o trabalho que tiveram para retirar o presente na alfândega (As peças, que representam uma aldeia africana, acompanharam a família em todas as suas mudanças e permanecem ainda decorando a sala de Eglê Malheiros). Dois anos depois, em 12 de julho de 1954, ele comemora a notícia do primeiro filho do casal, prometendo não cobrar tão cedo os comentários de Eglê sobre um livro que lhe enviou:

Palavra, é uma pessoa estupidamente feliz! Peça por mim perdão à Eglê por ter tido a ousadia de insistir na prometida carta. A demora está mais do que justificada, e não me importo nada agora de esperar o tempo que for preciso para lhe aparecer aí a saber de viva voz o que ficou de escrever.

E há ainda os discretos comentários, quase cifrados, sobre a perseguição política sofrida por ele e pelos amigos. Em 26 de julho de 1952, ele se refere à situação de António Jacinto: “Com o António Jacinto estou bastante preocupado, pois já lhe escrevi duas cartas a que não tive resposta, não sabendo, portanto, se ele se encontra preso pela polícia política se não. Porra para essa vida de cão!”<sup>11</sup> Só quando está já instalado no Brasil Abranches se refere mais diretamente à perseguição sofrida. Em carta de 27 de agosto de 1955, quando anuncia, feliz, sua chegada, fala da sensação de alívio por estar distante das garras salazaristas: “Nem ainda comecei a escrever. Tenho por aqui andado feito pato-bravo, chegado da aldeia para me embasbacar – especialmente com este descanso de não sentir aos calcanhares o cão policial, farejando-me e quilhando-me a vida...”<sup>12</sup>

As expectativas com a vida no Brasil não se cumprem plenamente. Aqui, ele conhece uma portuguesa também recém-emigrada, se casa, um ano após sua chegada, e tem uma filha (embora não fale do assunto em suas cartas, ele teve um outro filho em Portugal, com a esposa de quem se divorcia em 1947, alguns anos após a mudança deles para Moçambique), mas sua situação profissional e financeira não é fácil. Ele transita entre vários empregos mal remunerados – como desenhista em uma empresa de fornos e estufas, na secretaria de um jornal, em uma livraria, como representante da editora Francisco Alves –, aguardando sempre por uma

---

<sup>11</sup> António Jacinto foi preso em 1960, sendo desterrado para o campo de concentração de Tarrafal, em Cabo Verde, onde cumpriu pena até 1972, quando foi transferido para Lisboa e viveu em liberdade condicional. Dali, fugiu para Brazzaville, na República do Congo, e se juntou ao MPLA, o Movimento Popular de Libertação de Angola. Após a independência de Angola foi cofundador da União de Escritores Angolanos, e participou ativamente na vida política e cultural de seu país, tendo sido Ministro da Cultura de 1975 a 1978.

<sup>12</sup> Uma ilusão, como lembra Arnaldo Saraiva: “Nos arquivos da Torre do Tombo não existe nenhum processo da PIDE sobre Augusto dos Santos Abranches em tempo coimbrão – o que não quer dizer que não tenha existido ou não exista algures –, como não existe processo do tempo moçambicano, já que os arquivos locais foram destruídos, mas existe um processo relativo ao tempo brasileiro, que fala de várias atividades antifascistas e antisalazaristas do autor” (SARAIVA, 2013, p. 12).

oportunidade melhor. E surgem ainda outras dificuldades. Em carta não datada, provavelmente de março ou início de abril de 1956, Abranches conta que foi atropelado por um táxi em São Paulo: “Fiquei com os joelhos muito feridos e com um lanho por cima da vista esquerda. Mas, por dentro, a máquina está boa”. O acidente e os arranhões não o impedem de relatar seus muitos planos: a organização de um mensário antifascista (*Portugal Democrático*), a de uma cooperativa livreira e editora, chamada Movimento, a publicação de diversos livros seus.

A partir daí as cartas vão se tornando mais esparsas, uma ou duas por ano. Na de 15 de março de 1959 ele se explica:

Naturalmente, várias vezes tenho tencionado escrever-lhe. Mas eu sou uma espécie de bicho de toca, que mais se esconde quanto maior for o problema da vida que tiver de enfrentar. Ora, desde que cheguei a São Paulo eu tenho tido que enfrentar constantemente mais do que um problema. E bem duros, por vezes, como o de procurar ir-se vivendo. Nestes casos, costumo suspender toda a minha correspondência, inclusive até com minha mãe, para não chorar misérias. Os meus irmãos já me conhecem, e sabem da minha situação econômica conforme escrevo muito, pouco ou nada...

Na carta seguinte, de 22 de maio de 1960, ele já fala em “situação desesperadora”, conta que foi demitido, que teve um ataque epiléptico e que está com problemas cardíacos. Mas envia junto da carta três resenhas críticas e um conto de ficção científica chamado “A festa”, em que procura, segundo ele, “encarar este gênero sob um ângulo diferente: o do progresso social e ético, e não apenas o técnico-científico e econômico”. Tem expectativas de retomar os “contatos perdidos com Portugal e as Áfricas”, publicando por lá artigos antifascistas. Em sua última carta, de 28 de junho de 1961, se diz fatigado, mas disposto a escrever um prefácio para o novo livro de Salim. Está trabalhando no *Correio Paulistano* e redigindo notas de leituras sobre “3 poetas novos portugueses, Casais Monteiro – que irá fazer dar 2 pulos de vaidade ofendida a Jorge de Sena – e Gastão de Holanda”.

O ponto final dessa correspondência chega no dia 21 de maio de 1963, com uma carta manuscrita assinada por Dulce dos Santos, esposa de Abranches. Em uma pequena folha pautada, com letra bonita e sem rasuras, ela comunica a morte do marido ao amigo, lembrando que ele deixava uma filhinha de seis anos. Junto da carta, ela envia um poema

escrito por Abranches no hospital e datilografado por ela, no mesmo papel azul em que ele se comunicou durante todos aqueles anos. Atordoado e em queda, o poema é, ainda, uma declaração de amor à vida:

Forma e peso se avolumam qual uma sombra (não é sombra),  
talvez mais pesada e ameaçadora que uma nuvem,  
assaltando de tempestades o temporal desencadeado  
na hora em que a aflição nos estrangula  
(ah! e não é nuvem)  
Ou como onda rebentando dentro e fora do naufrágio  
quando já tudo soçobrou, (e não é onda sequer...)  
mas, forma e peso se avolumam bem dentro de nós  
em volta de nós mesmos, fonte e manto ao mesmo tempo  
pondo-nos grilhetas, torturando as carnes, esmagando os ossos  
– forma e peso que são um existir só  
nasce de dentro para fora e de fora para dentro, contínuo,  
permanente, implacável,  
e as garras dos seus não-dedos rasgam-nos os nervos  
os seus não-dentes de boca que nunca existiui  
mastigam (esfomeados) as nossas veias... não há nada naquilo que  
seja algo concreto,  
real, claro e tangível como uma pedra ou uma maçã,  
compreensível como um raciocínio transposto  
(para a palavra escrita ou falada, em nada importa)  
com o fim de apresentar uma solução ou campo de controvérsia.  
E nasce. Cresce, forma e peso  
neste plano branco onde me agito no hospital.  
Cresce com tenazes (não tem), com prensas (também não)  
para me angustiar de dentro para fora ou vice-versa,  
para me sufocar de fora para dentro e vice-versa  
para me forçar ao salto-mortal que nunca aprendi  
e que tive sempre medo,  
no receio de após ele cair  
no outro lado negro da vida.  
Implacável, cada vez mais potente no seu contínuo crescer,  
forma e peso aumentam de todas as direções, para todos os lados,  
força sinistra que me estrangula,  
asfixia, entontece,  
mantendo-me desperto e lúcido nesta queda sem fim.

Falo. Amor me acode, defende. Meu amor, luta por mim, clama  
por ajuda, qualquer coisa me é dada, durmo...

Ah! Como é maravilhoso o sol e o rumor da vida!

Hospital São Luiz  
5/4/1963.

Augusto dos Santos Abranches

Encantado pelo sol e pelo rumor da vida, Augusto dos Santos Abranches foi um desses homens de quem a gente se orgulha quando ouve falar. As cartas que tenho em mãos, e que reponho agora com carinho de volta à caixa, são apenas uma parte de um delicado quebra-cabeças. Não tive acesso às cartas de Salim Miguel para ele e optei por não trazer aqui seus poemas, peças de teatro e crítica. Seus cinco livros publicados, um estudo sobre Eça de Queiroz (1946), outro sobre Marques Rebelo (1958), uma peça de teatro (1943) e dois volumes de poesia (1942 e 1943a), podem ser encontrados no Espaço Eglê Malheiros e Salim Miguel, em Florianópolis. Alguns de seus poemas estão na revista *Sul* e seus artigos, resenhas e palestras se encontram dispersos entre os inúmeros jornais que criou e aqueles para os quais colaborou,<sup>13</sup> nos três continentes. É um material que confirma seu amor pela literatura e sua intransigente luta contra a intolerância fascista, mas também sua disposição para abrir espaço a outros escritores e escritoras, especialmente os mais jovens e os africanos em luta pela independência política e por uma voz poética própria.

Talvez o mais emocionante nessas cartas seja a possibilidade de encontro com um homem que não viveu a literatura como um projeto à parte, mas como uma paixão que se combinava a outras e repercutia em afetos e política. Resgatar sua história – parcial, fragmentada – é uma tentativa de dizer ao mundo que pessoas assim têm importância e não devem ser esquecidas. É incluí-lo de novo entre aqueles que resistem ao amesquinamento da vida.

---

<sup>13</sup> Uma lista de textos do autor pode ser encontrada no livro de Arnaldo Saraiva (2013), que lembra que além de assinar com o próprio nome, Abranches também utilizou pseudônimos como Vasco Abiúl, Carlos Vella, Adelino Simões e as abreviaturas A.S.A. e ASA. Os títulos de suas obras publicadas se encontram nas referências bibliográficas deste texto.

## Referências

- ABRANCHES, A. dos S. *Contorno de Eça*. Lourenço Marques: Minerva Central, 1946.
- ABRANCHES, A. dos S. *Poemas de hoje*. Coimbra: Portugália, 1942.
- ABRANCHES, A. dos S. *Tufão*. Coimbra: Portugália, 1943.
- ABRANCHES, A. dos S. *As várias faces*. Coimbra: Portugália, 1943a.
- ABRANCHES, A. dos S. *Um retrato de Marques Rebelo*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1958.
- BASTOS, A. *Ficção: histórias para o prazer da leitura (uma revista literária dos anos 70)*. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 23, jan.-jun. 2004, p. 137-150.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.
- MALHEIROS, E.; MIGUEL, S. Eglê Malheiros e Salim Miguel e o intercâmbio entre as duas margens do atlântico. Entrevista a Érica Antunesi e Simone Caputo Gomesi. *Crioula*, São Paulo, n. 4. 2008.
- MIGUEL, S. *Cartas d'África e alguma poesia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- MIGUEL, S. *Rede*. Florianópolis: Edições Sul, 1955.
- SABINO, L. L. *Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense da Cultura, 1981.
- SARAIVA, A. *Augusto dos Santos Abranches: escritor e agitador cultural em Portugal, Moçambique e no Brasil*. Junta de Freguesia do Paul, 2013.

Recebido em: 01 de março de 2018.

Aprovado em: 21 de junho de 2018.